

QUANDO O BUG NÃO VEIO

A virada para o século XXI não foi o caos esperado, mas intensificou a cultura de segurança da informação

BUG 2000

Capa da revista
Tema de 99
antecipava medidas
de segurança



Série Especial de Reportagens

Revista Interna Nº 32 - Ago/Set 2014

• **A MINIBABEL DO SERPRO**
A história de colegas que aprendem polonês, russo, árabe, japonês e esperanto

• **VIZINHO À BOLÍVIA**
Conheça o Escritório do Serpro em Porto Velho

• **ASSINATURA DE BURLE MARX, HINO AO PAU-BRASIL**
Curiosidades sobre os jardins das regionais estão nesta edição

REVEILLON ANTIERROS

Pessoas que passaram a virada de 2000 no Serpro contam como foram os tensos primeiros momentos do milênio

Era a virada do ano, do século, do milênio: no reveillon do ano 2000, a “swat” do Serpro estava a postos e as pessoas trabalhavam em clima de festa. No entanto, ao mesmo tempo, havia uma tensão no ar. Uma ameaça que trazia a possibilidade de sistemas inteiros entrarem em colapso devido a dificuldades para reconhecer a nova data de quatro dígitos (até então era convenção que os sistemas marcasem cada ano com apenas dois dígitos). Era o Y2K, mais conhecido como o “bug do milênio”. Equipes das regionais Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro, que haviam se preparado por meses, agora finalmente contavam os segundos para o fim do dia 31 de dezembro de 1999. O bug felizmente não ocorreu mas, para o Serpro, o término do século XX representou o despertar para a importância de um tema que nunca mais saiu da agenda da empresa: a segurança da informação.

Inocência perdida

“Houve alguns momentos de tensão... e o mundo respirou aliviado”, relata Ulysses Machado, coordenador geral de Gestão de Segurança da Informação do Serpro. Só que, apesar do alívio, esse mesmo mundo já não era mais tão seguro. Isso porque o momento do bug também coincidiu com um outro movimento: o de popularização da internet e da microinformática. Além da

divulgação de informações, a web também passou a estimular uma forma de aprendizado “voltada para o objeto”, com o surfista virtual aprendendo muitas coisas “de orelha”. Isso tudo gerou o aparecimento de novos atores – gente anônima que, mesmo sem muito conhecimento, passou a deter o poder de invadir redes e modificar sistemas. “No começo eram personagens românticos: pichadores, 'robin hoods', pessoas que desejam aparecer”, relembra Ulysses. “De certa forma, a virada do milênio também marcou o início de um novo mundo, já que coincide com a perda da inocência quanto à segurança do que é armazenado em nossos computadores”, avalia o coordenador. Para ele, com o passar do tempo, até esse glamour inicial acabou, já que hoje o “robin hood” cedeu seu lugar às organizações criminosas, guerra cibernética, e às ações de Estado contra Estado.

Telefone para ninguém

A preparação toda para o bug, que muitos davam como certo que ocorresse a partir da zero hora de 2000, teve seus momentos folclóricos. Segundo Marcos Allemann, que participou da equipe swat de Brasília, o grupo estava preparado para qualquer tipo de eventualidade. Na regional, havia duas UTIs móveis de prontidão e um telefone de irídio, daqueles usados por alpinistas, que se comunicava diretamente com um satélite. “Era para o caso de pane no sistema de comunicações. Só me pergunto se, caso isso acontecesse, para quem iríamos ligar”, diverte-se Allemann. “Pouco antes da meia-noite, o então diretor-presidente Sérgio Ottero veio do Iate Clube, de terno branco, verificar se tudo estava bem”, relata. Desde cedo, o grupo já estava praticando o chamado “follow the sun”: acompanhar os reveillons do mundo todo, de hora em hora, em busca de relatos de problemas. ▶



Allemann foi um dos vários serprianos que passaram a virada de milênio no Serpro



Preparação contra bug do milênio envolveu equipe de comunicação da época (a partir da esquerda): Sandra, Michelle, Concita, Bruno, Waldeck, Ana Lúcia, Carol e Edson

“A gente torcia para que não houvesse notícia”, é o que relata a jornalista Maria da Conceição Varella, a Concita, que trabalhava, na época, na Comunicação do Serpro na Sede. A ideia é que, se tudo desse certo, o bug do milênio não renderia manchetes em nenhum jornal. E, felizmente, não rendeu. “Era um assunto que tinha uma natureza mais interna. A gente viu como o Serpro se preparou para evitar uma situação adversa, investindo para que tudo desse certo”, rememora a jornalista. No entanto, para comemorar uma passagem tão importante, a empresa promoveu um concurso de frases. O vencedor ganhava uma viagem a Fernando de Noronha. “Tivemos mais de cinco mil participações. Foi uma oportunidade única para as pessoas expressarem sugestões, ideias e esperanças quanto ao futuro da empresa”, avalia.

Rumo ao Linux

Mesmo com o aprendizado obtido com o bug do milênio, o Serpro, cinco anos depois do reveillon, foi infectado por um “worm”, um código malicioso criado especificamente para consumir muitos recursos, afetando o desempenho de redes e a utilização de computadores. Foi o maior ataque da história da empresa. “Durante onze dias, tudo ficou muito lento, serviços inteiros foram afetados, uma verdadeira negação de serviço”, relembra Marcos Allemand, responsável, à época, pela política de segurança da empresa. Era uma infecção promovida pelo Agobot, código desenvolvido por um programador alemão preso em 2004. Como foi disponibilizado na rede, o worm recebeu mais de 900 variações. Após a contaminação, a grande imprensa relatava que o Serpro havia sido invadido e que, apesar de não ter havido perda de informações, os serviços haviam se tornado lentos.

O lado bom do Agobot é que o incidente também serviu para impulsionar a adoção do software livre pela empresa. Na época, o laboratório de computação gráfica da UFRJ publicou a notícia com a seguinte manchete irônica: “É isso que dá usar MS-Ruindows como servidor”. O então diretor-presidente, Sérgio Rosa, reconheceu publicamente que a melhor solução para aquele tipo de problema era promover uma grande migração das soluções do Serpro para o ambiente Linux.

Sala de visitas

É claro que as agruras superadas ganham, com o tempo, contornos divertidos e rendem uma diversidade de boas histórias. “Vencemos o problema. Mas temos que reconhecer que, de início, foi muito difícil”, salienta Allemand. Ele conta que, durante o ataque, foram construídas duas salas de crise. Uma foi planejada para receber os clientes, tranquilizando-os sobre o o trabalho que estava sendo feito. “Só que, enquanto o cliente relaxava, a confusão de verdade era na outra sala, com todo tipo de discussões acaloradas. Depois de tudo isso, eu e mais um grupo do Serpro fizemos uma pós-graduação na UnB sobre gestão de crises: todo mundo tirou de letra”, relembra.

Feita a chamada “forense computacional”, descobriu-se que a contaminação havia sido realizada a partir do IP de um cliente. “É importante dizer que a pessoa do 'ponto zero' do Agobot não tinha necessariamente a intenção de causar nenhum mal”, destaca Ulysses. “Por isso a gente realiza seminários e faz campanhas de conscientização. É uma tentativa de evitar incidentes criando uma cultura por parte do usuário”, explica o coordenador de segurança, que considera que as lições passadas devem motivar um comportamento preventivo de empregados e empregadas da empresa. ■

OUTRAS PALAVRAS

Do russo ao esperanto, de árabe a polonês: colegas se dedicam a aprender línguas estrangeiras menos comuns

Com um histórico marcado pelas imigrações, não faltam no país descendentes de tudo quanto é canto do mundo. O Serpro reflete essa realidade, como mostra a reportagem da GPS que achou falantes de diferentes línguas menos convencionais.

A maior parte dos entrevistados chega ao aprendizado dessas línguas como forma de se religar ao passado da família, mas há quem se coloque a aprender japonês somente pelo gosto à cultura do país, ou o esperanto, por convicção ideológica em prol de mais igualdade. Confira a seguir.

Emoção na noite de natal

Foi no enterro da avó que o analista da Regional Florianópolis, Lucas Zukovski, sentiu que estava perdendo o vínculo com o país de origem dos antepassados de pai e mãe. Morrerá seu último familiar que falava polonês. Há um ano, o serpriano passou a ter aulas do idioma. E falar polonês é difícil? A resposta vem rápida: “Extremamente difícil!”, enfatiza Lucas. Ele explica que a lógica da formação das frases tem semelhanças com o português, mas a familiaridade para por aí. “A fonética é totalmente diferente. Por exemplo, a função do H é feita pela letra Z”, destaca.

Recentemente, Lucas cantou para a família músicas de natal e pequenas canções folclóricas. “Quando comecei a cantar 'Dzisiaj w Betlejem', ou 'Hoje em Belém', com ajuda do Youtube, é claro, meus pais e meus tios reunidos lembraram que meus avôs e minhas avós cantavam essa e outras músicas de Natal para a criançada, na época”. Minha tia começou a murmurar a canção junto, quase chorando”, relembra. Parece que Lucas está conseguindo resgatar seu elo com a Polônia...

Para atravessar os mares

Manoel Kazangi, da Regional São Paulo, nasceu no Brasil. Mas seus pais são sírios, nascidos em Alepo, a segunda maior cidade do país e uma das mais antigas do mundo. Eles vieram para o Brasil de navio, numa viagem que durou dois meses – um feito que Manoel planeja repetir, em sentido inverso, visitando a Síria, quando o país não estiver mais em guerra. Ele e seus familiares falam uma das variantes do árabe e se comunicam no idioma. Manoel apenas fala, não lê ou escreve, mas explica que a leitura é feita da direita para a esquerda e cada ponto e vírgula é uma palavra. E ele ainda tem interesse por outros idiomas. “Tenho vontade de aprender também o armênio e o grego, que são minhas duas outras ascendências”. ▶



Lucas faz o convite: “Olá! Vamos aprender polonês?”



Manoel Kazangi fala árabe, mas também quer aprender armênio e grego



Emerson se aprimorou com vivência no Japão



Leandro Cerêncio trocou o inglês pelo japonês

Manoel foi diretor de patrimônio do clube Alepo, voltado para comunidade alepina com o intuito de reunir os descendentes e conservar as tradições e cultura síria. Atualmente é conselheiro do clube, onde já teve a oportunidade de conversar com o cônsul e o embaixador da Síria.

Do Paraná para a Terra do Sol Nascente

Emerson Saito apresenta, em seu sobrenome e em seu rosto, os traços da ascendência japonesa. E como muitos nikkeis, ou descendentes de japoneses no Brasil, foi fazer um “pé-de-meia” no Oriente nos anos 90, aproximando-se assim da língua de seus antepassados. “Morei lá durante dois anos, como dekasegi (descendentes que vão trabalhar no Japão), e considero como uma experiência importantíssima”, diz.

O analista de desenvolvimento da Cetec em Curitiba lembra que a barreira linguística existia, mesmo tendo aprendido o idioma com seus familiares no Brasil: “O meu conhecimento era bastante básico, e também ultrapassado, pois foi o pouco que aprendi com meus avós e meu pai”, explica. Houve uma melhoria significativa com os cursos de conversação oferecidos pelo próprio poder público municipal japonês, mas só quando voltou passou a estudá-lo a sério. “Senti a necessidade de não somente formalizar este conhecimento, mas de expandi-lo”, acrescenta Saito.

Caso de amor pelo Oriente

Leandro Cerêncio não é descendente de japoneses e não tem ninguém na família que estude ou fale japonês. Mas o analista lotado em São Paulo tem muitos amigos descendentes. Independente disso, sempre teve vontade de conhecer o Japão. Chegou a iniciar um curso de inglês, mas assim que viu no jornal um anúncio de aulas de japonês, trocou de curso.

“A maior dificuldade no começo foi para assimilar os caracteres japoneses, que, na verdade, são de origem chinesa. É necessário praticar bastante para não esquecer, mas à medida que fui progredindo no curso, esse aprendizado se tornou um desafio”, diz.

Os colegas de classe eram, em sua maioria, descendentes interessados em falar com os parentes mais idosos ou admiradores da cultura japonesa como ele. Foram cinco anos de curso no total, além de um mês de intercâmbio no Japão, quando conheceu pessoalmente a esposa. Da estada no oriente, só traz boas recordações. “O país é muito tranquilo. Quando estou lá, sinto paz de espírito, principalmente nos castelos e templos”, ressalta Leandro. ▶

Um colega russo na Regional São Paulo

Nascido na Rússia, filho de mãe russa e pai brasileiro, Kiril tem o russo como primeiro idioma. Ele veio para o Brasil aos sete anos de idade e, desde então, visitou o país de nascimento uma vez. “Os russos guardam semelhanças com os brasileiros, são calorosos e hospitaleiros. Gostam de receber visitas. Há muitos brasileiros estudando lá”, diz Kiril. Toda a sua família fala russo. A mãe, tradutora, já trabalhou como intérprete de Mikhail Gorbachev. Atualmente, Kiril ensina o idioma para a filha de 11 anos, Lara, nome dado em homenagem a uma personagem do filme Dr. Jivago.

Sobre as dificuldades do idioma, ele cita o alfabeto diferente e a gramática complexa. “Além disso, as palavras possuem muitas flexões, não só os verbos”, diz ele. “Quanto à pronúncia, alguns sons são bastante difíceis para os brasileiros e o inverso também”, revela Kiril, analista da Supgs. “Consigno reconhecer um russo falando português facilmente, pelo sotaque”, acrescenta. O conhecimento do idioma lhe rendeu um trabalho como intérprete para um grupo de dança que esteve em viagem por São Paulo, formado por russos, ucranianos e bielorrussos.

“Saudade” não se diz só em português

Ao ler a frase “Kiom multajn vivojn havas vi, kaj kion vi faru per , i?”, dá para adivinhar que língua é essa? “O trecho pergunta quantas vidas você tem e o que fará com a sua vida. É de uma música que gosto, cantada em esperanto”, desvenda Humberto Fraga, da Supop de Fortaleza, que está há cerca de quatro anos em contato com o idioma. “A pronúncia se parece com a do italiano, porque é próxima ao latim”, diz.

O esperanto foi criado em 1887 por Lázaro Zamenhof para facilitar a compreensão entre diferentes povos de uma região do Império Russo. “O objetivo sempre foi o de ser uma segunda língua, fácil e acessível”, conta Humberto. “Quando um francês e um chinês precisam conversar em inglês, eles não vão se expressar tão bem, a menos que tenham estudado muito. Já o esperanto, em três meses se aprende toda a sua gramática”, compara.

Segundo Humberto, o esperanto é um idioma bastante flexível e atual. “A palavra saudade, por exemplo, não existe só em português, tem também em esperanto, é 'sa+dado'. O legal é que, independente da língua materna, cada um pode falar esperanto do seu jeito, incorporando palavras, e quem ouvir vai entender. E há muitas pessoas que conversam nesse idioma, há discussões sobre a evolução dele. É uma língua viva”, afirma.

Esperanto e software livre: combinação natural

Nos quatro anos em que conhece o idioma, Humberto já desfrutou de livros, CDs, DVDs e muita arte em esperanto. Por ser entusiasta do código aberto, curtiu também versões em esperanto do Linux e de programas em seu computador pessoal. E para ele esse é, de fato, o idioma da esperança e do respeito. “A filosofia do software livre advoga que o uso de um software tem que ser irrestrito, e que o acesso à cultura e à informação também. No esperanto é a mesma proposta. A ideia é divulgar e preservar o multiculturalismo, sem nenhuma cultura ou língua submissa ou superior à outra”, completa. ■



Kiril já trabalhou como intérprete para visitantes estrangeiros



“O esperanto é uma língua viva”, garante Humberto

NA CAPITAL DA FRONTEIRA

Conheça o Escritório do Serpro que fica no extremo norte do país

Oficialmente, o Escritório de Porto Velho iniciou suas atividades em setembro de 1996. Mas, como quase tudo que acontece numa das capitais mais recentes do país, as atividades do Serpro já estavam presentes bem antes de o espaço físico ser oficiado. “Tudo começou com o projeto Ciata. Nos anos 70, o Ministério da Fazenda identificou a necessidade de apoiar os municípios para o levantamento cadastral do seu universo de contribuintes e o Serpro enviou empregados para todos os municípios do Brasil com essa missão. A partir daí, surgiram outras necessidades de suporte de tecnologia da comunicação e informação para os clientes e foi implantado o escritório em 1996. Em 1998 eu ingressei na empresa, em 2003 eu assumi a chefia e estou por aqui desde então”, relata o paulista Márcio Benite Ramos, chefe do Escritório de Porto Velho, radicado na capital do estado da Rondônia.

O escritório teve três endereços e atualmente está numa das principais avenidas da cidade, a Sete de Setembro, no Centro. Fica a cerca de dois quilômetros do Rio Madeira, que vem do sul da Bolívia e é o principal rio que banha o município. “Atendemos a Superintendência de Administração do Ministério da Fazenda (SAMF), a Delegacia da Receita Federal (DRT), Receita Federal do Brasil e Polícia Federal do Brasil, a Procuradoria da Fazenda Nacional



Márcio Benite e parte da equipe "Somos 10 aqui em Porto Velho, dois em Jiparaná e dois PSEs"

(PFN), a Superintendência do Patrimônio da União (SPU) e o Departamento de Polícia Federal (DPF)”, enumera. “Oferecemos serviços estruturadores de tecnologia da informação e também apoiamos o programa Serpro de Inclusão Digital, que já instalou três telecentros no Estado”, informa Márcio Benite. “É uma equipe pequena, somos apenas 14 empregados, doze aqui em Porto Velho e dois em Jiparaná, entre técnicos, analistas e auxiliares” completa. ▶



Mercado público é ponto tradicional para o café da manhã dos portovelhenses

Tapioca e “baixaria”

A cidade de Porto Velho foi fundada em 1907. Em 1980 foi promulgada a Lei 190, que comemora o dia da instalação como sendo em 24 de janeiro. Criada por desbravadores durante a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM), está situada em plena Floresta Amazônica, onde está a maior bacia hidrográfica do mundo. É a capital de estado que mais cresce economicamente no país, respondendo por cerca de um terço do PIB de todo o estado de Rondônia. “Estou no Serpro desde 2005 mas já moro em Porto Velho desde 1990. Escolhi vir para ter qualidade de vida e oportunidades. A cidade é mais tranquila, me desloco facilmente, o trânsito não é caótico e os costumes são bem parecidos com os da minha região natal”, explica o nordestino Rogério de

Castro Araújo, técnico que atua no prédio do Ministério da Fazenda.

Os dois mercados municipais da cidade são tidos como locais ideais para o café da manhã pelos portovelhenses, sejam os de origem ou de adoção. Cuscuz, tapioca, mingau de tapioca, mingau de banana da terra, mugunzá ou canjica de milho branco, canjica - e até caldo de mocotó para dar “sustança”, podem ser encontrados nos mercados. Sem contar com o famoso “baixaria”, que é o cuscuz com carne moída e ovo frito por cima. Saltenhas bolivianas também aparecem no cardápio. “Gosto demais daqui e não penso em retornar. Não temos praia, mas temos banhos de rio, igarapés, hotéis fazenda. São muitas opções de diversão”, declara Rogério. ■

🔍 Você Sabia?



Só tem por aqui

A foto acima ilustra as Três Marias: três caixas d'água trazidas dos Estados Unidos para Porto Velho em 1910, que abasteciam a cidade até 1957. É um ponto tradicional de eventos na cidade e ilustram inclusive a bandeira da cidade. Coincidentemente, a cidade tem também três características ímpares:

- é a única capital de estado que faz fronteira com outro país, a Bolívia
- é a capital brasileira com maior área territorial, estendendo-se por pouco mais de 34 mil km² (área mais extensa que países como Bélgica e Israel)
- é o município fronteiriço com a maior população do Brasil.

VERDES VISTOS DE PERTO

Jardins das regionais tem peculiaridades como projetos de paisagistas consagrados ou espécimes carregados de simbologia

Toda unidade do Serpro tem um jardim bonito pra chamar de seu – com exceção da quase recém-chegada unidade de Florianópolis, que ocupa andares de um prédio comercial. Os 50 anos de história da empresa e sua necessidade de capilaridade deixaram como legado prédios bem estruturados cercados de verde exuberante.

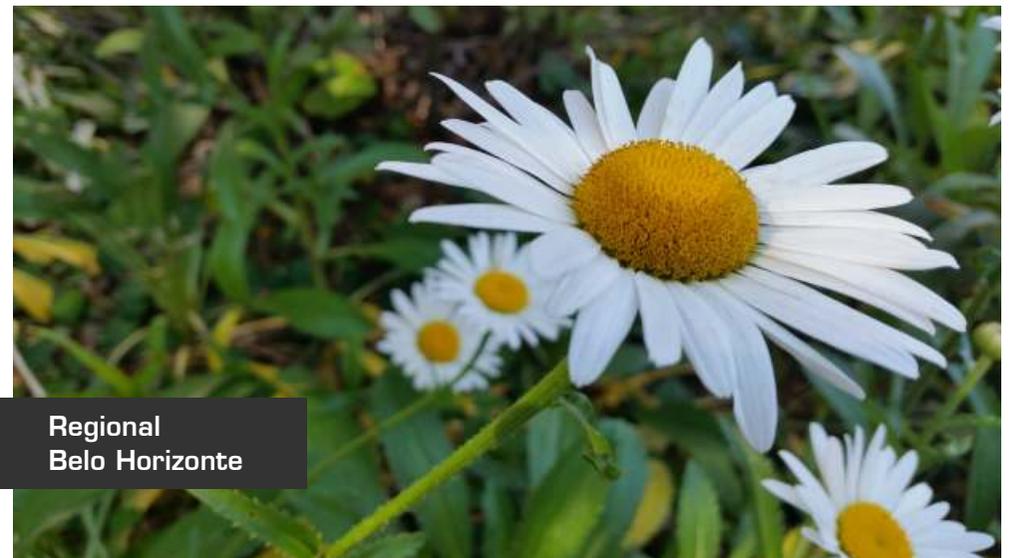
Descendo ao térreo, falando com as pessoas que cuidam desses jardins, a revista GPS colheu algumas curiosidades sobre esses espaços tão agradáveis.

Para que os registros fotográficos não fossem reduzidos, dividimos a matéria em duas partes. Nesta edição, destacamos os jardins de Belo Horizonte, Bahia, Recife, Porto Alegre e Fortaleza. Na próxima, o espaço será de todas as outras regionais e da Sede. Visitemos, pois, esses belos jardins.

Belo Horizonte: cores o ano inteiro

A Regional Belo Horizonte é conhecida por sua extensa área verde composta por 150 diferentes espécies de plantas. Destaque para as flores que enfeitam a paisagem o ano todo. Jorge Luiz da Silva, jardineiro que trabalha há 35 anos no Serpro, explica que o segredo para que não faltem cores no jardim é a variedade de espécies e o cuidado diferenciado com cada uma delas. De acordo com ele, a regional possui azaleia, margarida, buganvilea, hibisco, rosa, alamanda, jasmim do cabo, ipê amarelo e ipê roxo.

“Ao longo do tempo, a gente vai entendendo cada planta, a melhor forma de cuidar. Cada época tem sua flor e uma nova floração está sempre chegando”, relata. Para Jorge, as flores representam vida e beleza. “O mais gratificante é ver o crescimento e a transformação delas. A gente planta aquela coisa mínima, uma muda pequenina que depois cresce, floresce e chega aos seus vinte metros, como algumas árvores aqui têm”, completa o jardineiro. ►



Regional
Belo Horizonte

Regional Salvador



Salvador: árvore simbólica

Na capital da Bahia, coqueiros e palmeiras se destacam em meio a plantas menores cheias de flores. Mas uma delas tem atenção especial, não pelo seu tamanho nem pelas flores coloridas. Em junho de 2008, a pedido da comissão de Responsabilidade Social do Serpro (RSS), a regional recebeu, como presente do Jardim Botânico de Salvador, o direito de escolher um exemplar de alguma planta. Uma pequena muda de pau-brasil, na época com apenas 10 cm, foi a escolhida e passou a ser um dos símbolos da regional. De lá pra cá, todos os anos, durante a Semana do Meio Ambiente, o setor reúne os empregados para cantar o Hino Nacional Brasileiro em volta da árvore, hoje com aproximadamente dois metros de altura.

América Grisi, coordenadora da RSS, fala sobre a árvore. “Pelo valor histórico, o pau-brasil tem um significado muito grande. Além disso, é uma espécie da Mata Atlântica ameaçada de extinção, que devemos preservar”, afirma.



Regional Recife



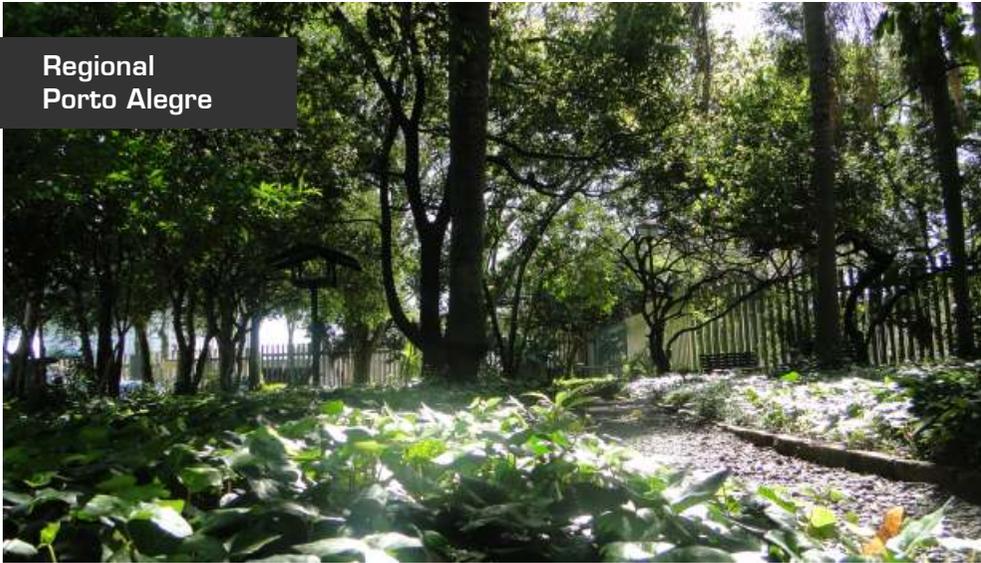
Recife: ipê no jardim de Burle Marx

A sede atual da Regional Recife foi inaugurada em 1972. Situada no então residencial bairro de Parnamirim, o prédio tinha amplo jardim projetado pelo paisagista Burle Marx, com grande variedade de espécies vegetais provenientes da Amazônia, Mata Atlântica e algumas plantas exóticas.

O traçado original foi destruído pela Cheia de 1975, que inundou 80% da cidade. Ao recuperar o jardim, a regional observou ao máximo o conceito de Burle Marx.

Com o passar dos anos o jardim foi se adequando ao crescimento do prédio e recebendo outros elementos, sendo o destaque hoje um ipê plantado durante a semana do meio ambiente, em 2007. A ação fez parte da campanha “Mais Verde” do Governo do Estado de Pernambuco para plantio simultâneo de 500 mudas de ipê em órgãos públicos. O plantio do espécime teve direito a evento com solenidade e discurso. ►

Regional
Porto Alegre



Porto Alegre: jardim também “mateia”

Faz parte da adubagem do jardim gaúcho o reaproveitamento da erva utilizada por quem toma chimarrão na regional. As sobras são recolhidas em recipientes próprios, dispostos nas pias dos banheiros. Depois de acumuladas e secas, passam por compostagem e são utilizadas para enriquecer a terra.

Por se situar em local que já foi rio, o solo dos jardins da regional retém bastante umidade. Os cerca de 3400 metros de canteiros são mantidos sempre verdes com um sistema de coleta de água das chuvas e o auxílio de um poço artesiano.

Para diversificar ainda mais a área, está em estudo uma horta com espécimes fitoterápicos. O jardim também vê crescer diversas árvores plantadas por colegas que fizeram questão de deixar uma recordação muito própria nos canteiros da regional.

Regional
Fortaleza



Fortaleza: um cantinho grandioso

Na regional, o verde distribui-se ao redor dos prédios. Há uma robusta acácia-amarela, uma mangueira centenária. Tem a farmácia viva e árvores frutíferas para os que querem algo saboroso ou medicinal. “Muitos buscam jambo e romã”, conta o jardineiro Daniel Almeida.

E existe, é claro, o jardim. Nele, entre jasmims, palmeiras, cactos, há um antúrio que vira e mexe chama a atenção dos colegas. “O formato de sua flor se parece com os dois órgãos genitais humanos juntos”, explica o jardineiro Elanilson Ferreira.

Seja pelas espécimes “curiosas” ou pelas “comuns”, cuidadores e visitantes veem no jardim um modo de preservar a magnitude da natureza. “As pessoas trazem plantas para cá, nos pedem mudas. Isso ajuda a proteger o meio ambiente”, opina Daniel. “Essas mudas crescem e podem gerar várias plantas. Se todos cuidassem do verde assim, viveríamos em um mundo melhor”, diz Elanilson. ■

